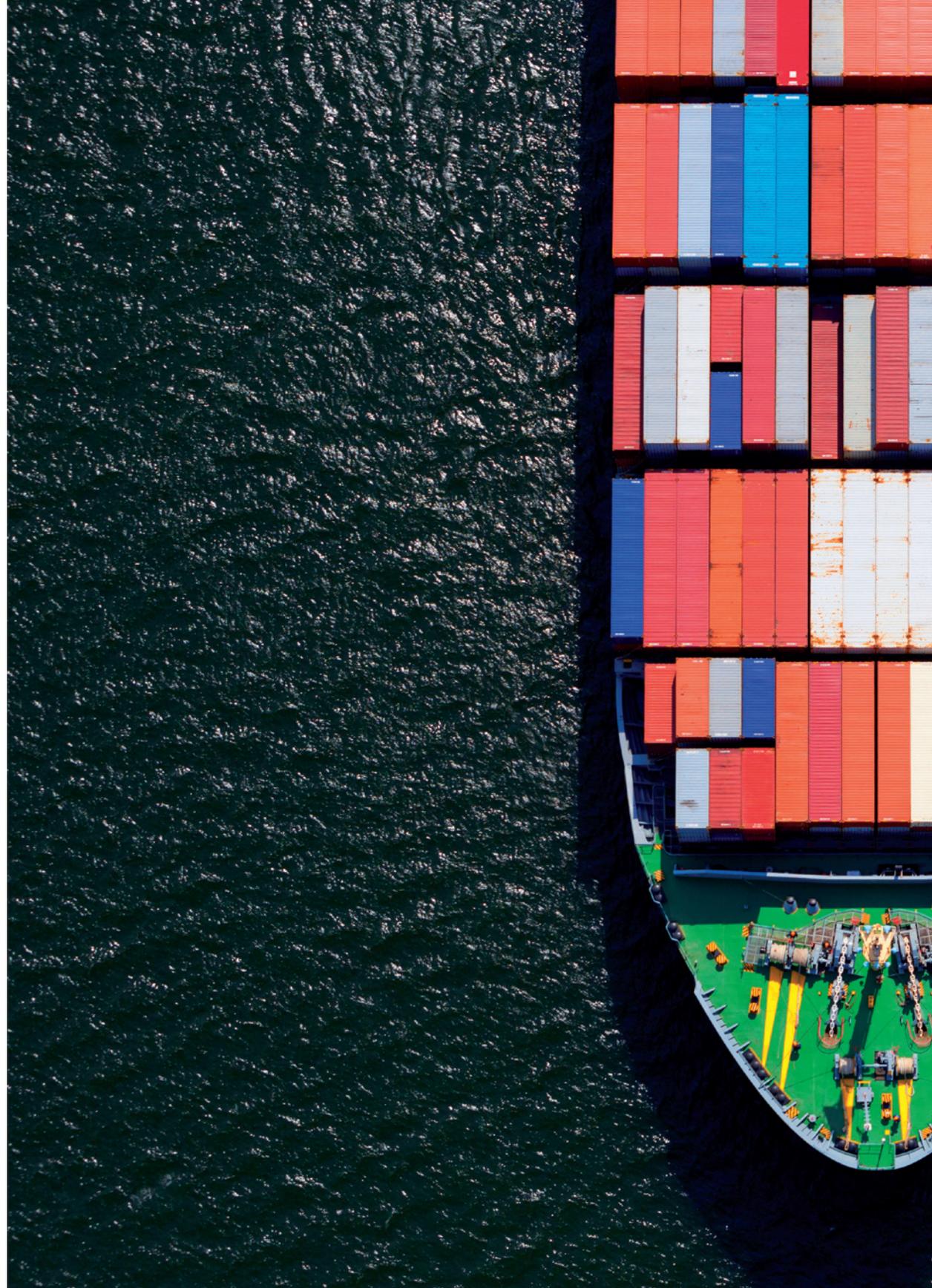


# É HORA DE REDEFINIR PRIORIDADES

Com o Mercosul na UTI após o acordo da Argentina com a China, Brasil precisa se abrir para novos parceiros e fortalecer políticas comerciais que o ajudem a recuperar o saldo positivo da balança. O Plano Nacional de Exportação é instrumento importante para isso e pode aproximar o País dos Estados Unidos.

---

TEXTO **RACHEL CARDOSO**



Para tentar reverter o déficit da balança comercial brasileira, que em 2014 atingiu 4% do Produto Interno Bruto (PIB) – o pior resultado desde 1998 –, o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, tem pela frente o desafio de tirar do papel o Plano Nacional de Exportações (PNE). A iniciativa visa não apenas promover algumas reformas microeconômicas, mas também articular políticas comerciais para costurar acordos com países em situação econômica favorável, principalmente com os Estados Unidos, eixo da estratégia, e também com mercados da América Latina, Ásia e Oriente Médio.

“O atual patamar do dólar perante o real oferece uma perspectiva positiva para o País retomar as exportações e o PNE pode ser um vetor para manter o nível de atividade econômica”, disse Monteiro recentemente em reunião na Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP).

A tentativa de aproximação com outros países é vista como positiva. “Trata-se do único espaço de manobra que o governo tem para equilibrar a balança em um cenário de ajuste fiscal”, avalia o professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, Evaldo Alves, para quem a busca pelo fortalecimento das relações internacionais acontece relativamente tarde. “Descuidamos muito da geopolítica e estamos perdendo espaço comercial.”

Enquanto o mundo assiste à formação de cadeias produtivas cada vez mais globalizadas, é natural que o fortalecimento de acordos comerciais seja adotado como estratégia de competitividade. É o caso da Aliança do Pacífico, que reúne Colômbia, México, Peru e Chile, e da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, com 21 países-membros.

“DESCUIDAMOS MUITO  
DA GEOPOLÍTICA  
E ESTAMOS PERDENDO  
ESPAÇO COMERCIAL”

**IVALDO ALVES, PROFESSOR  
DE ECONOMIA DA FUNDAÇÃO  
GETULIO VARGAS DE SÃO PAULO**

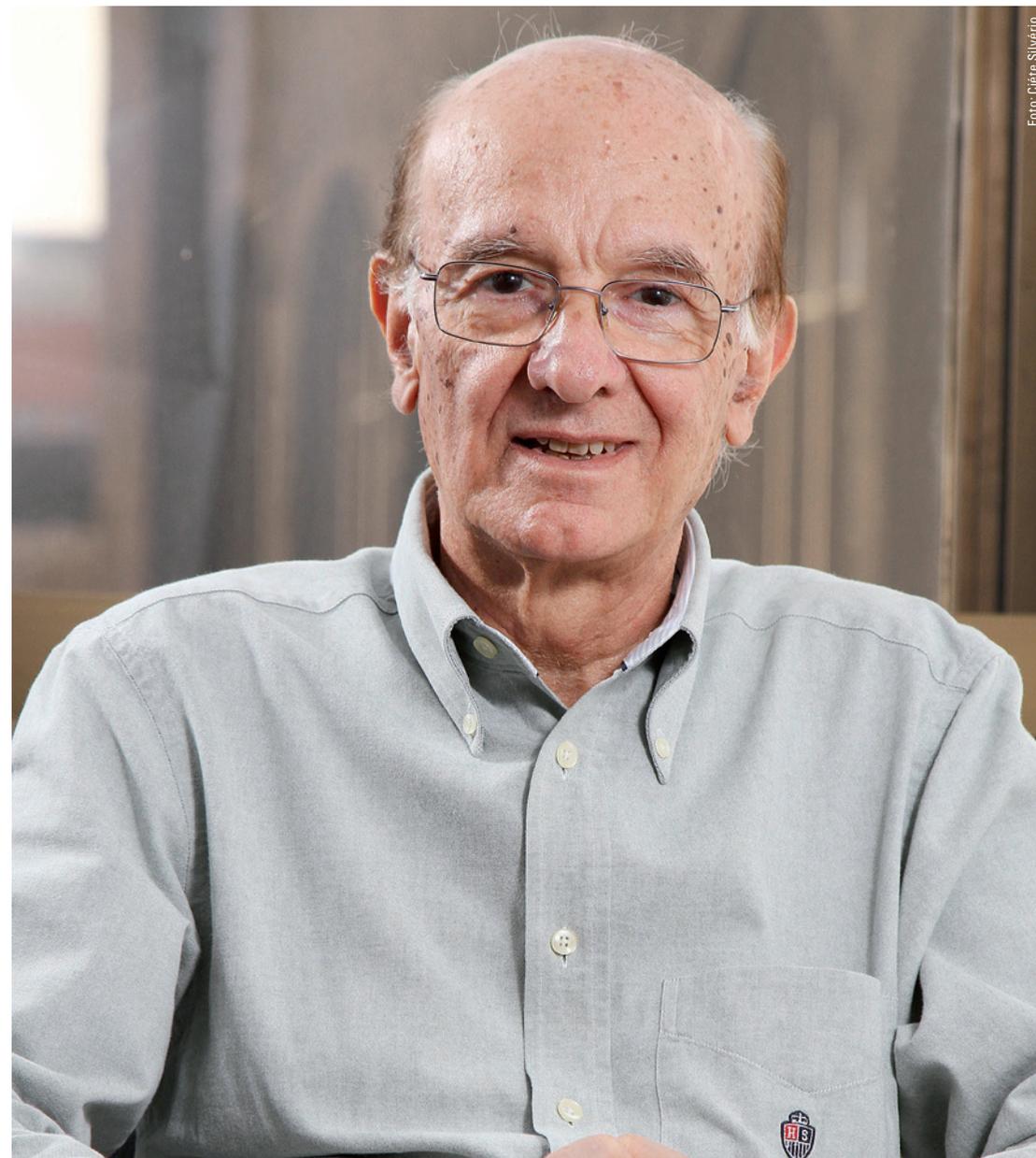


Foto: Cláudio Silvério

O Brasil restringe as parcerias ao Mercosul, um bloco cada vez mais enfraquecido aos olhos do mundo, principalmente depois do acordo entre a Argentina e a China, anunciado em fevereiro. O país da presidente Cristina Kirchner construirá duas usinas nucleares, com transferência de tecnologia chinesa. O gigante asiático também ajudará a implantar ferrovias e barragens. Há ainda pactos nas áreas de mídia, energia, tecnologia espacial, finanças, tecnologia de comunicações e passaportes. A China tem procurado fortalecer sua presença na América Latina e deve empenhar cerca de US\$ 250 bilhões em investimentos na região nos próximos cinco anos. A política de aproximação, assim como com a África, busca fortalecer a estatura geopolítica do país.

#### PORTA DE ENTRADA

A movimentação disparou um alarme na indústria brasileira. Enquanto refaz para baixo as projeções de exportação para o país vizinho, o setor culpa o governo brasileiro por não ter concedido financiamento especial para a Argentina, mesmo com o alto risco da operação. Na avaliação de industriais brasileiros, a omissão permitiu à China isolar o Brasil e fazer da Argentina a sua porta de entrada para a América do Sul.

O acordo pode ainda dar um golpe de misericórdia no Mercosul, que agoniza desde 2002 e respira por aparelhos, principalmente em razão do colapso da economia argentina, que há muito não transmite confiabilidade aos mercados internacionais. A aproximação com os chineses, porém, não surpreendeu alguns economistas, que acreditam que o acordo pode, no fim das contas, ajudar o Brasil.

Para o professor de Economia da Universidade de São Paulo, Antonio Lanzana, abrir-se para as mudanças externas e se aproximar dos Estados Unidos são as melhores coisas que

### “O BLOCO SE TORNOU UMA ARMADILHA PORQUE TEVE ORIGEM POLÍTICA E NÃO ECONÔMICA”

**PAULO DUTRA, COORDENADOR DO  
CURSO DE ECONOMIA DA FUNDAÇÃO  
ARMANDO ALVARES PENTEADO**



Foto: Rubens Chiri

poderiam acontecer ao Brasil, a fim de que o País reconquiste a confiança dos investidores. “O Brasil é um dos menos integrados nas cadeias produtivas globais porque sempre foi muito protecionista e não é competitivo.”

O fato de o Mercosul, integrado por Uruguai, Paraguai e Venezuela, além de Argentina e Brasil, ser fortemente ideológico colocou muitas barreiras para o avanço do País no comércio internacional. “O bloco se tornou uma armadilha porque teve origem política e não econômica”, diz o coordenador do curso de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap), Paulo Dutra.

Tanto ele quanto Lanzana destacam que a Argentina sempre impôs restrições aos produtos brasileiros e nunca respeitou as regras comerciais do Mercosul. O Brasil, ao contrário, tem cumprido o seu papel, e amargado prejuízos por isso.

Dutra destaca ainda que é preciso tirar o foco do Mercosul. “O acordo com a China não terá a magnitude que os argentinos esperam”, diz. “Os chineses terão mais benefícios e, como contrapartida, já não crescem como antes.”

Outro ponto a ser lembrado é que a China é um grande consumidor de *commodities*, principalmente de minério de ferro, o que alimentou a alta das exportações brasileiras pela última década. Entretanto, o consumo está em queda, com efeito colateral nocivo ao Brasil.

Não é por acaso que a piora do resultado comercial brasileiro no ano passado aconteceu, principalmente, em decorrência da queda no preço das *commodities*, da crise econômica na Argentina – um dos principais compradores de produtos brasileiros – e do aumento da importação de combustíveis.

Em 2014, a balança comercial brasileira registrou déficit de US\$ 3,93 bilhões, o pior

## Diversificação das exportações

O Plano Nacional de Exportações concentra-se em dois eixos: a conquista de novos mercados e a desburocratização das exportações. As medidas terão impacto fiscal mínimo, sem novas desonerações. Mais de 50 setores da economia participaram da elaboração do PNE, além de trabalhadores e centrais sindicais.

Em relação à conquista de novos mercados, o Brasil pretende fortalecer políticas comerciais com países como Estados Unidos, México, Peru e Colômbia. “O objetivo é diversificar o destino das exportações e a pauta exportadora e associar o País a fluxos de comércio de regiões mais ativas economicamente”, disse o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Armando Monteiro, em reunião na FecomercioSP no mês de fevereiro.

Para desburocratizar os processos, o MDIC trabalha em conjunto com outras pastas para simplificar as exportações e melhorar os ambientes regulatório e tributário.

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, Apex-Brasil, será mantida, assim como três programas de estímulo comercial: o Reintegra, que devolve aos exportadores de mercadorias industrializadas 3% do faturamento para ressarcir tributos cobrados ao longo da cadeia produtiva; o Proex Equalização, que financia parte dos custos para exportadores ou importadores de bens e serviços brasileiros; e o Programa de Sustentação do Investimento (PSI), que financia a compra de bens de capital e a exportação e investimentos em pesquisa e inovação por meio de linhas especiais de crédito do BNDES.



## NO FIM DAS CONTAS, A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL EM RELAÇÃO AO MERCOSUL PODERIA REAPROXIMAR O PAÍS DE ESTADOS UNIDOS, MÉXICO, PERU, COLÔMBIA E CHILE

resultado anual desde 1998, quando o saldo negativo ficou em US\$ 6,62 bilhões. Também foi o primeiro déficit comercial desde o ano 2000, quando as compras do exterior ficaram US\$ 731 milhões acima das exportações.

### SUPERÁVIT EM 2015

A expectativa do mercado para este ano, segundo pesquisa realizada pelo Banco Central com mais de cem instituições financeiras, é de melhora do saldo comercial. A previsão dos analistas dos bancos é de um superávit de US\$ 5 bilhões nas transações comerciais do País com o exterior. Já o Banco Central prevê um superávit da balança comercial de US\$ 6 bilhões para 2015, com exportações em US\$ 234 bilhões e compras do exterior no valor de US\$ 228 bilhões.

No ano passado, o único mercado para o qual o Brasil aumentou as exportações de manufaturados foi o norte-americano. No total, foram US\$ 16 bilhões. Para alguns itens, como máquinas e equipamentos, o Brasil registrou incremento nas exportações acima de 20% e, no conjunto das exportações de manufaturas, algo em torno de 7%.

No fim das contas, a independência do Brasil em relação ao Mercosul poderia reaproximar o País de Estados Unidos, México, Peru, Colômbia e Chile. Os Estados Unidos, particularmente, estão em uma fase de crescimento com perspectiva de se estender pelos próximos anos, o que abre oportunidades para as exportações brasileiras. “Está mais do que na hora de Brasil e Estados Unidos estreitarem os laços. O País precisa concentrar as estratégias no comércio internacional para amenizar a vulnerabilidade do mercado nacional”, ressalta Dutra. Algo que parece ser compatível com a agenda de Armando Monteiro. [ & ]